

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.535

Domingo, 25 de Novembro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Cobre, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-G

Officinas de impressão—Rua da Atalaya, 111 e 113

É DENTRO DOS SEUS SINDICATOS QUE CADA UM PODE REALIZAR A FRENTE ÚNICA DO PROLETARIADO

“ESTE ES MI MUSSOLINI”

É possível que D. Carlos tivesse dito também de João Franco: «Este é o meu Pombal». «Este é o meu cozeiro» teria afirmado Vitor Manuel apontando para Mussolini — : — : —

Informa, de Roma, o enviado especial do «Diário de Notícias», que se calcula ser superior a 500.000 pessoas, romanos e forasteiros, a multidão que acamou, com vibrante entusiasmo, durante o extenso percurso que vai da estação do Caminho de Ferro até ao Quirinal e ao Vaticano, o rei moderno, bravo, moço, espanhol até à medula — segundo o cronista.

Mais informa o enviado especial, que a imprensa comenta agradavelmente o facto de o mesmo rei — segundo o cronista — ao apresentar o general Primo de Rivera às autoridades italianas, ter dito, sorrindo: «Este é mi Mussolini.»

É de lastimar que o informe seja incompleto, pois que omitiu este detalhe importantíssimo: — a cor do sorriso.

Outra omissão do enviado especial, que seria uma perda irreparável para a História se um feliz acaso não tem colado, próximo do rei de Itália, outro enviado de conta própria, mais atencioso e perspicaz do que o especial da gazeta de maior circulação.

Agustando ao conceito, já agora histórico, do «rei moderno», etc., «este es mi Mussolini», esboçando um sorriso convulso, Vitor Manuel pronunciou em castelhano: — «ya lo creo!» — e acrescentou um murmúrio: — «y tú sepulturero como lo mio.»

Informa ainda o enviado especial, que depois da recepção oficial no palácio do Quirinal, Primo de Rivera conferenciou, durante duas horas, com o sr. Mussolini.

Que misterioso, que transcendental problema discutiram, secretamente, durante duas horas, os dois Condestas...? Eis o segredo que passa a consultar uma lacuna nas páginas da história do Século XX, lacuna que o historiador terá de preencher com um grande ponto de interrogação a tinta vermelha.

Não foi, certamente, o problema trovejado, há cento e trinta anos, em Paris, na Taberna da Rua do Pavão, por três figuras ciclópicas, Não! Não! O assunto tratado pelos dois Compadres só pôde ter sido qualquer coisa de sinistro, de caliginoso, cuja suspeita me visou na memória os tercetos dantescos de Gonçalves Crespo:

De vida política dos povos civilizados um episódio cruel domina toda a história — A Rocha Tarpeia depois do

A eficácia da G. N. R.—As versões romanescas da imprensa Os evadidos dentro da legalidade

A eficácia da G. N. R., acaba, com a última evasão de São Julião da Barra, de ser posta à prova. Como se sabe depois da primeira fuga e devido à campanha violenta e injusta dalguns jornais tinha sido enviada para a Torre um destacamento de G. N. R. Essa medida, ia sem dúvida, primeiro do que tudo ferir as susceptibilidades das forças que lá se encontram. Eram mais hábeis que os das outras unidades que lá estavam? Sem dúvida, pois que consideravam incapaz de exercer uma vigilância rigorosa e útil a guarnição militar daquela fortaleza.

Não nos cabe a nós, que discordamos das forças armadas que se destinam primeiro a assegurar o predomínio duma sociedade infuza estas medidas que cavam rivalidades num campo perfeitamente oposto àquele em que nos encontramos. Isto não nos impede de fazer notar — os factos têm forçosamente de se constatar — que a G. N. R. representada pelo seu destacamento, recebeu um cheque que lhe deve ter abatido a propensão surgida em consequência dum inábil gesto governamental.

É que o amor da liberdade conjugado com o reconhecimento duma iniquidade pode mais do que todas as medidas de vigilância que se tomem. Sempre que existirem prisões e encarceramentos inúteis haverá a registar evasões. Não há fortaleza por mais bem guardada que seja, por muito poderosos que sejam as suas grades, donde não se tenham dado fugas. Algumas delas fizeram-se por processos que ficaram para sempre inéditos.

Os jornais diante do buraco aberto na prisão dos marinhos de São Julião da Barra, no intuito de narrarem ao público o que totalmente ignoram, pois que os fugitivos não foram evidentemente percorrer as redacções dos jornais a narrar a sua fuga, tem impingido as mais disparatadas e até romanescas versões.

Uma das que foi posta em curso, com toda a seriedade por um desses jornais e que possivelmente encontrará algumas almas crédulas a aceitá-la por verídica tem todo o ar dum film cinematográfico, dum desses muitos péssimos films que por aí se exibem em séries. O entrecho meite um presidiário militar que, fazendo de pedreiro, ao concertar um buraco tapou-o propositalmente com uma táboa que disfarçou com cal. Esse presidiário foi-se para o Brasil levando o segredo dessa — permitia-se-nos o termo — falsificação da parede. Uma vez lá, ao fim dalguns anos relatou-o a um amigo. Este por sua vez disse-o a pessoas que estavam em relações com os presos, lhes fizeram essa precisa revelação. Está-se mesmo a ver o estapafúrdio fílmico desta história. A única versão, a verdadeira é a que falta relatar... Sem mentir ao público podemos apenas assegurar que os presos fugiram mercê do amor profundo que tinham à liberdade que lhes forneceu a energia, a audácia, a coragem, qualidades essenciais para evasões difíceis e arriscadas como esta que acaba de ser levada a efeito.

A iniquidade praticada pelo sr. António Maria da Silva é de tal ordem que permitiu aos presos que se evadiram collocarem-se no terreno da legalidade.

E o governo deve legalizar a situação dos presos.

dominantes da semana, o *Suplemento literário de «A Batalha»* inserir em harmonia com as conveniências de publicação, artigos: — De actualidade e reportagem; — Doutrinários sobre questões sociais, operárias, pedagógicas, etc., etc. — De análise e comentário aos factos capitais da vida social e política; — A semana social — Factos e documentos; — Contos, versos, crónicas literárias; — Biografia de homens e mulheres célebres cuja celebridade consiste em ter trazido à humanidade, em qualquer ramo da ciência e da arte, ou em qualquer manifestação individual, moral ou material, noções de verdade e de justiça, exemplos de sacrifício e de altruísmo, inventos úteis e necessários inspirados no bem comum; — Crítica artística, musical, teatral e bibliográfica; — Movimento operário e social internacional; — Página infantil, histórias morais, instrutivas e cómicas, experiências de química e física recreativa, receitas de utilidade infantil, trabalhos manuais educativos, construções mecânicas, etc., etc. — Para a mulher: moias e artes femininas, higiene da mulher, a maternidade, o lar, emancipação e defesa dos direitos da mulher, etc., etc. — Higiene social e individual: alcoolismo, tabagismo, sífilis, tuberculose, doenças profissionais, higiene da habitação, do vestuário e da alimentação. Naturalismo, neo-malthusianismo, higiene da oficina, etc. — Desportos e cultura física. — Artes e indústrias: indústrias artísticas e curiosas monografias; — Estudos de costumes e monografias regionais, suas riquezas naturais, seu desenvolvimento industrial e condições de trabalho; — Vulgarizações: inventos e novidades científicas. Em todos estes assuntos, até nos mais fereis, encontrarão os leitores do *Suplemento de «A Batalha»* um ensinamento novo, um conhecimento útil e pondo-os ao facto de tudo quanto a arte e a ciência inventaram para tornar bela e sábia a vida, quer individual, quer colectiva.

O *Suplemento literário de «A Batalha»* não se esquecerá nunca da sua missão essencialmente educadora, renovadora de hábitos, regeneradora de costumes. Essa será a característica que a diferenciara e a distinguirá das revistas e *magazines* das empresas meramente mercantis. Estes aspiram a conquistar muitos leitores. Não procuramos ser úteis aos leitores que nos quiserem ler. Aquelles pretendem os seus leitores pelo poder da fantasia, da sensação, nós queremos prender os leitores pela utilidade que no nosso suplemento possa encontrar.

CAMINHANDO A ÚLTIMA EVASÃO

Quando há pouco o Comité Confederal apresentou o seu pedido de demissão, houve criaturas mal intencionadas que, no propósito de desvirtuar as intenções da central dos sindicatos, espêcularam com o facto, procurando indispor os trabalhadores organizados, alimentando uma desinteligência que não existia.

Muito diferentemente do que se passa nos arraiais políticos, a organização operária sabe o que quer e para onde caminha. Se alguns casos se observam entre militantes operários, eles não podem comparar-se às coisas mesquinhas a que os nossos adversários pretendem dar vulto.

A organização operária está muito acima das chicanas políticas, e a provar esta afirmação verifica-se a forma admirável como decorreu o último Conselho Confederal, no qual todos os delegados presentes demonstraram uma homogeneidade de vistas digna de registo e que decerto desmanchou todos aqueles que julgavam ver fracionada essa homogeneidade que tem sido até hoje a razão da existência da única força organizada do país.

Discutiu-se com elevação um convite dos partidários de Moscúva sobre a frente única do proletariado português em face duma possível revolução operária na Alemanha. Mas se a frente única proletária já existe no nosso país, porque haveria necessidade de organizá-la?

Todos sabem que a C. G. T., como corpo central dos trabalhadores portugueses, tem a si aderente a maior parte do proletariado da nossa região. E sendo assim, está de facto estabelecida essa frente única que tantos se empenham em negá-la.

Para qualquer movimento operário de caracter internacional, nunca a C. G. T. portuguesa negou o seu apoio.

Os trabalhadores portugueses, com o seu espirito demarcadamente revolucionário, nunca esqueceram os seus deveres de solidariedade para com aqueles que lutam pela sua emancipação. Disso existem muitas provas. E se mais não fazem é porque aqueles que hoje aspiram por uma frente única, como se ela de facto não existisse, até certo ponto abandonaram as fileiras onde mais logicamente poderiam trabalhar, contribuindo para o desenvolvimento da organização dos trabalhadores, dando mais vitalidade ao sindicalismo revolucionário, procurando estabelecer e robustecer as células que lhe faltam e nas quais todos podem, com boa-fé e com eficácia, dar largas ao seu esforço e satisfazer a sua vontade de idealistas por um futuro melhor.

Compreendemos que haja divergência de tendências, e isso é natural. Porém temos verificado que elas se manifestam dentro da organização que defendemos e não obstante, após discussões onde alevantadamente são debatidas, chega-se sempre a uma solução honrosa, dignificante, sem menoscipação para os militantes que transigem, porque a força das circunstâncias os impellem a tomar atitudes que em nada os molestem.

É uma questão de pôr de parte certas opiniões muito personalistas que tem sido o verdadeiro mal — opiniões muito inveteradas em certos espiritos — que de quando em vez obstem a que se caminha na senda de antanho traçada.

Não haja dúvida. Da reunião de anteontem do conselho confederal dois pontos há a frizar e com eles se deve satisfazer a organização operária portuguesa: — a homogeneidade existente na C. G. T., ainda que pese aos seus detractores pela forma elevada e ponderada como se discutiu um assunto de palpitante actualidade, e a demonstração cabal e inofismável de que a frente única do proletariado em Portugal, já de há muito existe sem necessidade do impulso estranhos, e essa frente única consubstancia-se na central dos sindicatos portugueses onde podem trabalhar todos aqueles que, sendo assalariados, desejam contribuir para o seu robustecimento e desenvolvimento — fazendo-o sempre com lealdade e boa fé.

A aparecer no dia 3 de Dezembro

SUPLEMENTO LITERÁRIO E ILUSTRADO DE «A BATALHA»

(Publica-se ás segundas feiras)

SOCIOLOGIA • ARTE • EDUCAÇÃO • LITERATURA • CRÍTICA

A PUBLICAÇÃO do *Suplemento literário de «A Batalha»* tem por objectivo: — Levantar a propaganda dos nossos ideais à altura que justamente teve em tempos recentes; — Retornar àquela forma de propaganda doutrinária e idealista, a que poderíamos chamar *clássica*; — Chamar de novo à actividade aqueles velhos e desinteressados amigos que, pondo ao serviço da causa revolucionária a sua inteligência e o fruto das suas longas luctações, tanto impulsionaram o movimento operário e social neste país; — Acolher a colaboração intelectual dos novos incitantes ao estudo e contribuindo para a formação da sua consciência revolucionária; — Permitir a certos elementos intelectuais que com o nosso labor renovador sinceramente simpatisam, a colaboração de que necessitam e que sabemos que lhes apraz prestar-nos;

— Franquear a discussão elevada e serena dos problemas sociais para esclarecimento da verdade, a fim de que cada um tome conscientemente a sua posição perante a agitação que se vai estendendo por todo o mundo.

Assim, o *Suplemento literário de «A Batalha»*, órgão de exposição doutrinária e elemento de educação e de aperfeiçoamento moral e intelectual, destina-se não só a ser o companheiro espiritual do operário que o ajudará a resolver os problemas de maior transcendência, que o colocará em contacto com os métodos da mais alta literatura, que o identificará com toda a vida intelectual moderna, mas também a difundir as nossas aspirações, a propagar as nossas ideias entre os elementos que as não conhecem. A obra do *Suplemento* será a extensão de propaganda de *A Batalha* além do círculo da grande família operária, actuando, por processos de atracção intelectual e artística, nos campos ainda não preparados para a receber.

Pela sua apresentação gráfica em papel azeitado, profusamente ilustrado pela fotografia, pela caricatura e pelo *croquis*; pelos assuntos da actualidade que versa — os mais variados — mais palpitantes; pelos problemas que discute e de momentos interesse; pela competência dos colaboradores — nomes conhecidos nos nossos meios literários, pedagógicos e revolucionários; pelo seu preço — restritamente necessário para que a publicação se mantenha, pois que não nos anima intenções de lucro — por todo o exposto o *Suplemento literário de «A Batalha»* é uma publicação para todos, de interesse, deleitamento e utilidade para toda a gente.

Embora se não possa detalhar o seu programa, prevê-se que pela sua própria natureza ele é vasto e imprevisível e constantemente orientado pelos factos

Um erro judiciário

Um crime praticado no tribunal de Torres Vedras — A condenação do júri tal éle é constituído — Um triste documento da besta humana

Lá foram julgados em audiência de júri, no dia 23, no tribunal de Torres Vedras, dois operários acusados de coactores do crime de homicídio frustrado na pessoa de um industrial daquela localidade — homem de mau carácter e de incorrecto proceder — de nome António Hipólito.

Os reus: Um deles, Artur Gonçalves, desgraçado farrapo humano, vitiado do alcool, deca efectivamente no túmulo do seu pai — o cidadão industrial — que lhe produziu um ferimento com doença e impossibilidade de trabalho por tempo não superior a dez dias.

Notas e Comentários

Concorrência política Fizeram os socialistas um manifesto marcando a sua divergência de opinião acerca da política financeira e internacional seguida pelos últimos governos. Nesse manifesto publicam-se vivazes e apresentam-se soluções que podendo ser tudo quanto haja capaz de merecer as simpatias dos patriotas que não estão no suborão dos bancos, não são socialistas. O partido democrático que está agora na oposição é que deve ter arrependido os cabelos por lhe ter fugido duma excelente ocasião de ter feito política de atracção. Mas o manifesto socialista provou que lá no partido há quem sinta e saiba sentir o espirito burguês-liberal.

Einstein, o autor da teoria da relatividade cansado de aturar os remoqueos dos nacionalistas que não podiam suportar que ele collocasse a ciência acima da pátria deliberou emigrar. Einstein foi dos raros intelectuais que se recusou a assinar o célebre manifesto dos

O caso da «Filarmonia» Os senhorios

Mais quatro inquilinos ameaçados com mandado de despejo pelo Conde de Mangualde

É simplesmente revoltante o que se está fazendo, no Tribunal da Boa-Hora, relativamente a questões de inquilinato.

As imensas acções de despejo, que diariamente ali são propostas, tem por fundamento, uma retorcida disposição do decreto 5411, de 17 de Abril de 1919, consignada no Artigo 34.º, que diz textualmente, o seguinte: «O contrato de arrendamento, cuja data for declarada em título autêntico ou autenticado, não se rescinde por morte do senhorio ou do arrendatário nem por «transmissão» da propriedade, etc.»

«Título autêntico» é o que é celebrado por notário, com as formalidades legais; e «autenticado» é o que é reconhecido por notário, nos precisos termos do artigo 2436 do Código Civil, isto é: — na presença das partes e de duas testemunhas.

Em suma: — todo o inquilino que tiver o seu título de arrendamento, autêntico ou autenticado, não poderá ser despejado por novo senhorio, em casos de transmissão de propriedade por qualquer das convenções legais. Sucede, porém, que imensos inquilinos, pelo motivo de haverem realizado os seus contratos em data anterior à promulgação do Decreto 5.411 de 17 de Abril de 1919, não possuem títulos autênticos ou autenticados. Isto pela simplicíssima razão de as leis em vigor nesse tempo (legislação de 1910) darem validade a contratos em que intervinham as partes e duas testemunhas, uma delas comerciante, que devia apor o carimbo da sua casa comercial.

E, sendo assim, a sofreguidão e a desumanidade dos proprietários, tendo ao seu serviço advogados sem escrúpulos e juizes sem consciência, trazem ameaçados diversos inquilinos, que estão na dura contingência de irem para o «olho da rua» desperdiçando um inglorio esforço de defesa que lhes esgota importantes quantias em despesas judiciais.

O senhorio, em face do teorema algebro do «Art.º 34 do Dec.º 5411», e

URSOS